

Na trilha de ‘tomara (que)’ do século XIII ao XX: da construção gramaticalizada à interjeição

On the trail of ‘tomara (que)’ from the 13th to the 20th century: from grammaticalized construction to interjection

Márluce Coan*

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Resumo: Por meio da análise de dados do século XIII ao século XX, disponíveis no ‘Corpus do Português’, tratamos da construção ‘tomara (que)’ atrelada a quatro processos paralelos que a conduziram à expressão de desejo em Português: (i) ampliação de campos semânticos; (ii) expressão de modalidade *irrealis* (por meio dos valores conjuntivo, condicional e volitivo); (iii) estreitamento paradigmático à primeira pessoa e (iv) seleção de argumento inalienável ou referente a um estado de coisas. Teoricamente, buscamos classificações de ‘tomara’ na literatura gramatical e ancoramo-nos em postulados da Gramática de Construções, pois o pareamento forma-função foi essencial para compreendermos o percurso da construção gramaticalizada ‘tomara (que)’ para interjeição. Consideramos 956 dados nos quais observamos que a construção passa a ser usada a partir do século XVI, com aceção de desejo, embora haja uns poucos usos anteriores já com valor modal. Paralelamente, observamos usos de ‘tomara’ predominantemente em primeira pessoa posposta, além de maior incidência de argumento interno inalienável ou referente a um estado de coisas nos últimos séculos. Espreado semântico, valor modal, estreitamento paradigmático e metaforização contribuem com a gramaticalização da estrutura, persistindo, porém, a seleção argumental dos usos mais longínquos, ou seja, a construção continua a selecionar objeto oracional, até converter-se em interjeição propriamente dita.

Palavras-chave: Tomara (que). Construção. Mudança. Interjeição.

Abstract: Through data analysis from the 13th to the 20th century, available in the ‘Corpus do Português’ database, we deal with the construction ‘tomara (que)’ linked to four parallel processes that led it to the expression of desire in Portuguese: (i) expansion of semantic fields; (ii) expression of *irrealis* modality (through the conjunctive, conditional and volitive values); (iii) paradigmatic narrowing to the first person and (iv) selection of an inalienable argument or one referring to a state of affairs. Theoretically, we looked for classifications of ‘tomara’ in the grammatical literature and based ourselves on postulates in a constructionist approach, as the form-function pairing, which is essential for understanding the route from the grammaticalized construction ‘tomara (que)’ to the interjection. We considered 956 data, observing that the construction began to be used from the 16th century onward, with the meaning of desire, although there are a few earlier modal uses. At the same time, we observed uses of ‘tomara’ predominantly in the first-person postposed, in addition to a greater incidence of an inalienable internal argument or referring to a state of affairs in recent centuries. Semantic spreading, modal value, paradigmatic narrowing and metaphORIZATION contribute to the grammaticalization of the structure, although the argument selection typical of more distant uses persists, that means the construction continues to select a sentence object, until it becomes an interjection itself.

Keywords: Tomara (que). Construction. Change. Interjection.

*Professora titular do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil; professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC; bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ – nível 1D; e-mail: marluce.coan@unila.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7809-8624>

1 INTRODUÇÃO: O DELINEAMENTO DA PROPOSTA

Tomara poder desempenhar-me, sem hesitações nem ansiedades, deste mandato subjectivo cuja execução por demorada ou imperfeita me tortura e dormir descansadamente [...] entre uma saudade e uma aspiração, a consciência de um dever cumprido (Fernando Pessoa)¹.

Atualmente, o valor interjetivo de ‘tomara’ é a primeira informação que vem à mente em decorrência do uso e de sua classificação gramatical (como em (1)), já que não é mais comum falar ou escrever o pretérito mais-que-perfeito simples do verbo ‘tomar’, como em (2). O estatuto de ‘tomara’ como ‘interjeição de desejo’ parece ser, portanto, um consenso, se atentarmos ao disposto em gramáticas usadas em aulas de Português (algumas das quais trazemos para este artigo na seção 2, que versa sobre a revisão da literatura) e em comentários feitos tanto por especialistas quanto por leigos (lembremo-nos, por exemplo, de frases motivacionais repassadas nas mídias sociais e de usos em músicas, dentre outros, como ilustramos em (3) e (4), respectivamente).

- (1) [...] Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam: [...] de desejo ou ansiedade: oh!, oxalá!, **Tomara!** (“Moderna Gramática Portuguesa”, Bechara, 2019, p. 460)
- (2) Assim, o Pe. Joaquim Domingues Carneiro gostava de repetir, em ofícios sobre os assuntos mais variados, que desde 5 de novembro de 1843 **tomara** posse da freguesia de Russas. (“Notas para a história eclesiástica do Ceará”, Revista Histórica do Instituto do Ceará, 1946, p. 206)
- (3) **Tomara** que hoje seja assim: Que o dia amanheça bonito. Nem quente, nem frio. (...) **Tomara** que, dessa vez, o mês caiba no seu salário. **Tomara** que o telefone toque com uma notícia feliz. [...] (<https://www.pensador.com/frase/MTAzODM5MQ/>)
- (4) **Tomara**, meu Deus, tomara / Que tudo que nos separa / Não frutifique, não valha / [...] **tomara** meu Deus, tomara / Uma nação solidária / Sem preconceitos, **tomara** / Uma nação como nós. [...] (“Tomara”, Alceu Valença; Rubem Valença Filho, disponível em: <https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/123497/>)

FLP 28(1)

Nesta pesquisa, partimos de uma perspectiva construcional de ‘tomara’, forma gramaticalizada por concentração da estrutura ‘tomara (que)’ + verbo no campo semântico atrelado ao desejo ou à pretensão. Contribuem com a gramaticalização (i) o uso modal do morfema ‘-ra’ (no âmbito da modalidade *irrealis*, nos termos de Givón, 2001); (ii) estreitamento paradigmático por restrição à pessoa gramatical (com base no parâmetro “variabilidade paradigmática”, em alusão a Lehmann 1995 [1982]) e (iii) seleção argumental de objeto inalienável ou referente a um estado de coisas (considerando-se extensão metafórica nos termos de Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994). A metaforização seria, portanto, uma consequência do significado lexical de base no campo

¹“O Maior Amor e as Coisas que Se Amam”, disponível em: <https://www.citador.pt/textos/o-maior-amor-e-as-coisas-que-se-amam-fernando-pessoa>.

das pretensões, acoplado ao tipo de estrutura oracional.

O uso interjetivo de ‘tomara’ pode ter resultado de uma fórmula árabe muito usada na Andaluzia, com o significado de “cumpra Deus” (*atámm alláh*), como observa Corriente (2003). Nesse sentido, não seria uma construção advinda de verbo latino. Pode-se aventar outras possibilidades ainda, se considerarmos o disposto por Houaiss (2001) acerca da origem obscura de ‘tomar’, inclusive fazendo alusão a outros dicionários que o consideram como verbo advindo do saxão (*tomian*). Essas são outras histórias para serem contadas e comparadas à versão que nos propomos a apresentar aqui. Fica a deixa para outros episódios sobre ‘tomara (que)’. Apegamo-nos, neste artigo, à constatação de Corominas e Pascual (2012) de que ‘tomar’ vem do latim *AUTŪMĀRE* (afirmar, no sentido de proclamar o direito de alguém a algo). Os dicionaristas observam, inclusive, que, na região da Hispania, usava-se *TŪMĀRE* em lugar de *AUTŪMĀRE*.

Dizer apenas que ‘tomara’ é uma interjeição, sempre nos pareceu pouco, não somente por ser a classificação de interjeição fluida. Conforme adverte Leite (2016, p. 200), os gramáticos portugueses não estão de acordo com o status da interjeição: “muitos gramáticos a acolhem, mas não têm muito o que dizer sobre ela, poucos a analisam com alguma profundidade e outros tantos desprezam-na”. Propomos, portanto, neste artigo, uma incursão mais ampla em textos dos séculos XIII a XX, provenientes do ‘*Corpus do Português*’², para investigação de todas as acepções e dos valores de ‘tomara (que)’, para além do uso volitivo exemplificado de (5) a (7), em três formas (sem oração interna, com oração reduzida de infinitivo e com oração desenvolvida).

- (5) Eis o que me veio ao espírito, quando, já a bordo do paquete inglês que tinha de levar Leandro, vi saltarem dos olhos de Palmira as lágrimas que ela dava em sacrifício da conservação do seu amor conjugal. Ah! **tomara** eu aquelas lágrimas, na minha mocidade! Quem me dera tê-las um dia chorado... (“Livro de uma sogra”, Aluísio Azevedo, século XIX)
- (6) Amigo, estou tão poeta que em versos consumo o dia. **Tomara** achar um remédio que me curasse a mania. Se queres gelar o estro, isso está na tua mão: Lê as odes de Filinto e os sonetos do Garção. (“Poesias”, António Feliciano de Castilho, século XIX)
- (7) O Bluteau não admite isto, nos Opúsculos, e defende que sempre o ch deve pronunciar quase semelhantemente ao x. Mas ele mesmo se contraria no Dicionário, pois diz que em Português se deve escrever Archanjo, Patriarcha etc, com ch, ainda que se pronuncie o k. **Tomara** pois que me desse a diversa razão por que, em outros nomes oriundos da mesma Grécia, se deva escrever com qui, vg Monarquia etc. (“Verdadeiro Método de Estudar”, Luís António Vernei, século XVIII)

Envergammo-nos à classificação de ‘tomara (que)’ como uma construção modal gramaticalizada da qual advém a interjeição ‘tomara’, interjeição secundária proveniente de verbo gramaticalizado em construção fixa. Consideramos, nessa esteira, um

²Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>.

percurso de gramaticalização que, semanticamente, altera a significação da primeira parte da estrutura ao passo que, sintaticamente, resguarda traços de sua origem como transitividade e uso modal. Diferentemente do que fazem os recortes gramaticais, investigamos ocorrências dessa construção por meio de um considerável número de dados e critérios morfossintático-semânticos (explicitados na seção metodológica), pois nossa hipótese versa sobre o fato de a construção de desejo ‘tomara (que)’ ter advindo de gramaticalização por mudanças correlatas.

Para que metodologia e análise tivessem o devido amparo, procedemos à revisão da literatura e escolhemos a perspectiva construcional como viés teórico, já que nos pareceu a que mais se direciona à hipótese de pesquisa. Esse movimento serviu-nos como base para o delineamento dos parâmetros de investigação. Seguimos, portanto, neste texto, apresentando um aparato de informações advindas tanto de leituras sobre o tema quanto da opção teórica.

2 REVISÃO DA LITERATURA E DIRECIONAMENTO TEÓRICO

Como aludimos na introdução, as gramáticas (tanto as mais antigas quanto as mais recentes), em geral, categorizam ‘tomara (que)’ como interjeição/locução interjetiva. Tesnière (1936), entretanto, afirmara que interjeições são formalmente inanalizáveis, por recobrir frases inteiras, dificultando, portanto, qualquer tentativa de classificação; Bechara (2019, p. 526), por conseguinte, exclui-as da lexemática, pois são palavras que constituem “equivalências de orações”, assim sendo a interjeição uma ‘palavra-oração’.

Cunha e Cintra (2008), Paschoalin e Spadoto (2008) e Ferreira (2014) tratam-na como ‘palavra-frase’, já que uma interjeição por si só vale como conteúdo emocional, por ser acompanhada por um contorno melódico ou por seu sentido completo, dependente do momento em que ocorre e da entonação com que é expressa, do que decorre que uma mesma interjeição possa exprimir diferentes reações emotivas, como ‘Nossa’ em: (i) “Nooooossa!”, para alegria e admiração; (ii) “Nossa!”, para susto (Ferreira, 2014).

Rocha Lima (2001), Cegalla (2008) e Almeida (2009), por sua vez, consideram a interjeição como ‘palavra’ ou ‘locução’ que exprime estado emotivo, sendo um recurso da linguagem emocional fundamentalmente dependente do contexto e da entonação. Há, no conjunto das interjeições, conforme Cegalla (2008), as exclusivas (“Oh!”, “Olá!”, por exemplo) e as provindas de outras classes (por exemplo, “Viva!”, “Cuidado!”). Embora siga uma abordagem mais voltada ao vocábulo, Cegalla (2008) admite que uma interjeição se assemelha a uma frase resumida. Também Rocha Lima (2001), apesar de classificá-la como palavra que exprime emoção, adverte que vale por uma frase.

Uma observação em gramáticas mais antigas revela o mesmo. João de Barros (1540), por exemplo, trata da interjeição como uma parte do discurso que indica estados de alma, definição que, segundo Leite (2016), é importada da gramática latina, os *affectus animi*, e foi repetida na maioria das gramáticas portuguesas. Ademais, conforme Fonseca (1799, p. 207), por ter mobilidade na frase, “à interjeição não se pode assignar lugar próprio no discurso”: onde quer que se coloque, é sempre expressiva. Também Barbosa (1822) caracteriza as interjeições como partículas desligadas do contexto da

oração, razão por que devem ter o primeiro lugar na ordem das partes da oração, antes mesmo dos nomes, segundo observa o autor. Esta posição é partilhada por Pacheco e Lameira (1887), ao considerarem que se deveria começar pela interjeição, em abordagem do desenvolvimento genético das partes da oração.

Pereira (1923, p. 578) menciona que a interjeição é uma palavra *sui generis*, por seu caráter retórico ou dramático: “palavra lançada, como nos diz seu *etymo* (de *interjicere* = lançar entre), entre os termos da frase, com caracter independente, sem relação syntactica, em regra, com as outras”. O autor classifica ‘tomara’ como uma interjeição convencional (quanto à origem) e deprecativa (quanto à natureza). Observa, contudo, que há casos em que a interjeição pode ter uma feição relacional, do que deduzimos que a alusão fosse a interjeições como ‘tomara’, que podem levar o verbo ao subjuntivo, já que o autor cita “oxalá” como um exemplo dessa situação.

Ocorre que, diferentemente de outras interjeições citadas pelos gramáticos (por exemplo, “Vamos!”, “Puxa!”, “Olha!”, “Valha!”), ‘tomara’ seleciona argumento oracional no infinitivo ou no subjuntivo, como o fazem verbos modais (a exemplo de (8) e (9) abaixo), o que nos levaria à constatação de que não se trata somente de uma palavra, mas de uma construção. Ademais, não recupera muitos dos sentidos correntes do verbo ‘tomar’ (‘conquistar’, ‘pegar’, ‘ingerir’, ‘dirigir-se’, dentre outros), como o fazem outras interjeições que, semanticamente, têm relação com o vocábulo de base. Veja-se, por exemplo, o caso das interjeições: “Fogo!” e “Vamos!” (provindas, respectivamente, do substantivo ‘fogo’ e do verbo ‘vamos’), cujas acepções são atualmente as mesmas dos usos interjetivos, tendo estes o componente adicional da entonação.

- (8) Garimpo é um jogo do diabo! Olhe, no momento que resgatar minha letra e tiver um cobre mais pra viagem, vou-me embora. Foi uma cabeçada que eu dei, deixando minha tropa. Mas tenho fé em Deus, que inda boto outra na estrada! - Ah! dia, patrão! **Tomara** já chegar esse dia! (“Maria Dusá”, Lindolfo Rocha, século XX)
- (9) Durante semanas, ela só escutava a tia abrir a boca para repisar: **tomara** que esse dia comprido passe logo. (“Cartilha do Silêncio”, Francisco J. C. Dantas, século XX)

Em (8) e (9), poderíamos substituir ‘tomara’ por ‘desejo’ (“Desejo já chegar esse dia!” e “Desejo que esse dia comprido passe!”). No entanto, diferentemente do que ocorre nessas construções, parece ser mais usual o emprego de ‘tomara’ isolado, como confirmação/acordo a algo em uma situação de interação entre A e B (como em (10)).

- (10) Organizei uma trilha com trechos de três concertos de Haendel e três partitas de Bach. [...] Estado - A nova produção brasileira também vai agradar? Pederneiras - **Tomara**. É o que todos queremos. (“Entrevista - Jornal O Estado”, Rodrigo Pederneiras, século XX)

Com base em Basso e Teixeira (2017, p. 87), “podemos considerar que interjeições são itens expressivos”, já que sua “contribuição se dá na dimensão expressiva do significado”.

Disso decorre nossa hipótese de que, como qualquer outro item linguístico, ‘tomara’ também pode estar em uma construção gramaticalizada e, a partir dela, ser item usado como interjeição, como ocorre, por exemplo, com “silêncio”: “Façam silêncio”, “Silêncio!”. Dessa guisa, a contribuição na dimensão expressiva serviria ora a uma função, ora a outra, possuindo, portanto, ‘carga semântica própria’ (nos termos de Basso e Teixeira, 2019), independentemente de composição com outros itens lexicais e gramaticais. Decorre ainda o fato de haver interjeições que claramente advêm de outras classes gramaticais, como as citadas acima, embora haja as onomatopeicas e outras que parecem pertencer somente à classe das interjeições mesmo, como “psiu”, “ah”, “ai”, “ui”, dentre outras. Cremos que ‘tomara’ está no nível das interjeições advindas de outras classes/estruturas, especificamente de uma construção gramaticalizada: ‘tomara’ + verbo no infinitivo ou ‘tomara que’ + verbo finito.

A natureza modal de ‘tomara’ parece resultar de seu uso em uma construção de desejo, o que implica considerá-la como ‘*chunking*’ (nos termos de Bybee, 2010), ou seja, como encadeamento, como uma unidade de um bloco, permitindo, portanto, construções recursivas. Cerqueira e Almeida (2016, p.409) observam que “as construções gramaticais de desejo são instanciadas pelas macroconstruções transitivas que motivam a estruturação das construções de desejo”, sendo que o objeto desejado pode ser realizado por meio de um sintagma nominal³ ou de um sintagma oracional (oração finita ou infinitiva). Embora a estrutura ‘tomara que’ + subjuntivo seja similar a outras construções optativas (“desejo que”, “espero que” *etc.*), não ocorre no presente, ou seja, constrói-se com o morfema ‘-ra’ e não com o morfema zero indicativo de presente como nas demais estruturas, levando-nos a buscar percursos anteriores ao uso como expressão de desejo.

Queremos mostrar, na direção proposta por Almeida (2008, p. 144) para o verbo ‘querer’, que uma informação lexical também é adaptada à construção: “há verbos que prototipicamente expressam desejo (embora não exclusivamente), como ‘desejar’ e ‘querer’, e outros que tomam essa acepção em determinadas construções, como ‘estimar’, ‘esperar’”. Podemos hipotetizar que as construções têm um significado que lhes é próprio. Assim, mesmo não sendo um verbo prototipicamente de desejo, ‘tomar’, na respectiva construção ‘tomara (que)’ + V, assume tal significação, embora haja alguns dados em que expressa desejo e seleciona um SN, como ilustramos em (5) e na nota 3.

Nessa linha de raciocínio, ‘tomara (que)’ é antes construção gramaticalizada que interjeição, entendendo gramaticalização no sentido de que é “parte do fenômeno linguístico mais amplo de estruturação, através do qual combinações de formas podem, com o tempo, ser fixadas em certas funções”⁴ (Hopper; Traugott, 2003, p. 2, tradução nossa).

Se entendemos gramaticalização como processo/grau, então a estrutura sob

³Embora haja muitas citações de ‘tomara’ na acepção de desejo, selecionando objeto oracional, há alguns casos em que a expressão de desejo instancia um sintagma nominal, como ocorre no exemplo (5) já citado. A título de ilustração, citamos também: “...**Tomara** eu tantos mil cruzados quanto de amantes ela tem tido!” (“Amor de perdição”, Castelo Branco, século XIX).

⁴No original: “Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions” (Hopper; Traugott, 2003, p. 2).

análise estaria em processo/grau avançado de gramaticalização, pois, sincronicamente, não reflete nem correlação a significações mais basilares de ‘tomar’, nem à significação de mais-que-perfeito. Não se pode negar, entretanto, uma ‘iconicidade diagramática’, nos termos de Neves (2011), pois o arranjo estrutural de ‘tomara (que)’ reflete relações análogas existentes na estrutura semântica (noção de desejo), como ocorre com as estruturas “desejo que”, “espero que” e “quero que”.

Apoiando-nos nas premissas de Lehmann (1988) acerca do processo de gramaticalização, podemos tecer, ainda, as seguintes observações sobre ‘tomara (que)’: ao considerar autonomia *versus* integração, verifica-se que a estrutura ‘tomara (que)’ está tão integrada a ponto de ser vista como uma construção optativa única, indicando, portanto, rebaixamento da cláusula subordinada que se torna um constituinte particular de uma principal. Verifica-se, paralelamente, gramaticalização do verbo principal, já que ‘tomara’ não reporta significações correntes do verbo ‘tomar’ no pretérito mais-que-perfeito simples. Também observamos entrelaçamento e explicitude da vinculação (não há argumentos diferentes para ‘tomar’ e a cláusula que o segue, além de haver forte ligação por conjunção integrante). Se consideramos gramaticalização como um contínuo, esses parâmetros revelam máxima compressão da informação lexical e gramatical, em oposição à máxima elaboração, quando duas cláusulas articuladas revelam menos dependência e encaixamento.

Para compreendermos o resultado desse processo, ou seja, o uso construcional de ‘tomara (que)’, de cuja construção decorre a interjeição, torna-se necessária uma investigação dos contextos que propiciaram a gramaticalização. A investigação do processo de gramaticalização de ‘tomara’ ganha, portanto, mais saliência nesta pesquisa do que o próprio produto (uso interjetivo).

É por essa razão que nos interessam movimentos morfossintático-semânticos conduzindo/contribuindo ao uso volitivo de ‘tomara (que)’: um deles tem relação direta com os valores conjuntivo e condicional, que julgamos terem sido prévios ao valor volitivo, o que parece ter contribuído para a constituência interpretativa de ‘tomara (que)’ com aceção de desejo. Pode-se considerar, conforme Klein-Andreu (1991), que o significado original de ‘-ra’ foi reanalisado em dois aspectos: de referência a um tempo anterior a algum ponto no passado à referência de um passado sem indicação de anterioridade e de assertivo a não assertivo. Ou seja, em modalidade, perdeu a assertividade. Dessa observação, poder-se-ia depreender que, em geral, os usos optativos com ‘-ra’ são resquícios, também, de usos modais do mais-que-perfeito, nos quais o valor modal de irrealidade se sobrepõe ao temporal de passado.

Epiphanyo Dias (1918) já demonstrara haver uso do pretérito mais-que-perfeito em lugar do imperfeito conjuntivo em orações optativas, condicionais e concessivas no português arcaico médio. O primeiro passo, cremos ter sido o uso conjuntivo do mais-que-perfeito. Tal uso serve, segundo o autor, para exprimir um desejo. É o conjuntivo optativo. Dentre os exemplos, o autor (p. 203-204) cita usos de ‘dera’ e ‘tomara’ para exprimir enfaticamente um desejo: “Quem me dera que me ouvira agora Hespanha...!” (Vieira, parte I, p. 686); “Tomára que me respondesseis a esta evidencia” (Vieira, parte I, p. 82). Esses usos são apresentados como exclamações de desejo, mas a expressão de desejo pode ocorrer de outras formas segundo o autor (p. 203), dentre as quais cita a anteposição da interjeição “oxalá” (que substituiu *utinam* (“oxalá que”,

FLP 28(1)

em Latim): “Oxalá que eu me enganasse” (“Eurico”, Herculano, 1844, p. 81). Pereira (1923, p. 180), no entanto, observa que “oxalá” adveio de *in + xa + Aláh* (do árabe) equivalendo a “queira Deus”.

Esse movimento ao longo dos séculos requer, além da análise dos valores (se temporal ou modal), mapeamento das acepções, para verificarmos a incidência/frequência de usos, especialmente aqueles relativos ao desejo, à pretensão. Paralelamente, consideramos extensão metafórica (extensão entre domínios), um dos mecanismos de gramaticalização, de acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), pois buscamos indícios de que a significação volitiva também tenha decorrido da própria combinação entre ‘tomara’ modal com argumento não material, mas associado à primeira pessoa, o que mantém o sujeito discursivo no controle. Isso implica atuação do princípio da persistência (nos termos de Hopper, 1991), já que muitos dos usos de ‘tomara’ no período medieval referem-se a um sujeito que obteve algo (uso acoplado à posse, à conquista de um objeto desejado), o que veremos com mais propriedade na análise dos dados.

Ainda em termos de uso da construção especificamente em P1 ou P3, atrelamos a investigação à noção de estreitamento paradigmático, conforme Lehmann (1995 [1982]), pois pode ser outro dado em favor da gramaticalização de ‘tomara’, similarmente ao que vem ocorrendo com estruturas de mais-que-perfeito simples gramaticalizadas, como: ‘dera’, ‘pudera’ e ‘quisera’ (“Quem me dera!”, “Também pudera!”, “Quisera eu!”).

Nosso direcionamento analítico pauta-se, portanto, nesses movimentos teóricos. Por ocasião da exposição metodológica, na seção que segue, configuramos esses movimentos em parâmetros investigativos, ademais de apresentar em detalhes o *corpus* utilizado.

FLP 28(1)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DO *CORPUS* AOS PARÂMETROS

Visando a uma investigação sistemática de ‘tomara (que)’ desde o século XIII, nesta seção, apresentamos o *corpus* e descrevemos os parâmetros a serem considerados para análise qualitativa e quantitativa dos dados, o que nos conduzirá a um retrato da gramaticalização, que culminou na expressão de desejo, via configuração construcional, a qual, por sua vez, conduziu ao uso interjetivo.

Com o intuito de verificar a frequência de uso de ‘tomara (que)’, além de observar como se comporta a construção, analisamos dados do ‘*Corpus* do Português’ (Gênero/Histórico – <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen>), criado em 2006 pelo Professor Mark Davies. Trata-se de um *corpus* que contém 45 milhões de palavras de, aproximadamente, 57.000 textos dos séculos XIII a XX, o que nos permite vislumbrar usos e acepções por século e ao longo do tempo. ‘Século’, portanto, configura-se como um grupo de fatores para análise. A escolha do período justifica-se pelo nosso intento de buscar dados desde o período arcaico da língua, sendo o século XIII um marco temporal, conforme Mattos e Silva (2001), pois é nesse tempo que a Língua Portuguesa começa a ser documentada pela escrita.

Por termos o propósito de entender como a construção ‘verbo + SN’ ou ‘oração’ passou à interjeição, mais do que o resultado dela em uso interjetivo, consideramos três

formas, já ilustradas na introdução (exemplos (5) a (7)): (i) ‘tomara’ sozinho ou seguido de sintagma nominal; (ii) ‘tomara’ seguido de verbo no infinitivo – oração reduzida de infinitivo e (iii) ‘tomara (que)’ seguido de verbo finito – com conjunção explícita ou sem. Por vezes (poucas), há casos de verbo elíptico, mas perfeitamente recuperável na oração anterior; nesses casos, ‘tomara’ aparece seguido de um adjunto adverbial ou um sintagma objeto (como em (11)).

- (11) Tive muito disso, tive. Ai... **Tomara**-me nesse tempo! Desceu a escada. (= Tomara eu estar nesse tempo / Tomara que eu estivesse nesse tempo.) (“A ruiva”, Fialho de Almeida, século XIX)

No que se refere às acepções, os dicionários mostram muitas delas. O dicionário Houaiss (2001, p. 2731), por exemplo, apresenta quarenta e oito acepções para ‘tomar’. Muitas mais vêm à tona ao lermos dado a dado em perspectiva diacrônica, o que inviabiliza uma análise de modulação gramatical se considerada uma a uma. Optamos, nesta pesquisa, por agrupar usos em campos semânticos. Mesmo assim, somam-se treze campos, após leitura e releituras dos 956 dados considerados, para definir a acepção de cada ocorrência e juntar as acepções por viés semântico. Explicitamos os campos e ilustramo-los a seguir com apenas um exemplar de cada, para não estender a exemplificação.

Campo A: refere-se à posse no sentido de ‘apossar-se de algo ou de alguém’. Os sentidos encontrados englobam: tirar algo de alguém, usurpar, conquistar, invadir (“tomar terras”, por exemplo); confiscar (“tomar o poder, a cidade”); prender/capturar/dominar (“tomar o contrabando”); recolher (“tomar o cachorro”), além de usos como “tomar a si/para si”.

FLP 28(1)

- (12) Adohecer, rey dos Erulus, muy bë andante e muy hõrrado ẽ terra de Ytallia, cõ muy grande cavallaria dos Erulos e dos Toringos, por que vencera a Oivestes patricio e **tomara** a cidade de Ticiania e tolhera a hõrra do emperio a Augustodolo, filho deste patricio, assy como ja dissemos, e quãdo ouvyo dizer como Teuderigo, rey dos Estrogodos, viinha sobre elle, guysousse muy ben e foy lidar cõ elle acerca da cidade de Aquylegya. (“Crónica Geral de Espanha”, Pedro Afonso, conde de Barcelos, 1344, século XIV)

Campo B: também se refere à posse, mas no sentido de ‘ter algo sem capturar ou tirar de alguém’. Os sentidos englobam casos como assumir (“tomar posse”, “tomar assento no cargo”); apropriar-se ou ser tomado por algo (“a alegria o tomou”); segurar, sustentar, agarrar ou resgatar (“tomar a mão, as rédeas, o filho no colo, a defesa, alguém”); pegar ou juntar (“tomar o doce da geladeira, os documentos, uma assinatura”); receber, aceitar, contrair (“tomar a aula, a mulher, a ordem, um apelido”); ter (“tomar amigo, repouso, compromisso, fé”), além de “tomar sobre si” e “guardar para si”.

- (13) Quer dizer que nom deue seer conhecido per as cousas que pareçem de fora, nem prouado em as cousas praziuees. Porque segundo elle diz em hũa epistolla, as cousas seguras mostram os amigos e os fazem parecer. Mas as tribullações os prouam, demonstrando quaaes som çertos e quaaes nom. Porem nunca homem

tomara ligeiramente amigo, nem em quall quer logar. (“Livro da virtuosa bemfeitoria do infante Dom Pedro”, século XV)

Campo C: trata-se de sentidos associados à ingestão ou absorção, como ingerir (“tomar chá”); aspirar (“tomar ar, fôlego”); consumir (“tomar tempo”); sentir sabor (“tomar gosto”).

- (14) E, sendo ja o conde estabre e sua gente no Porto, lhe foy denunciado dalgûus capitaães de sua companhia que apos elle foram, de muytos males e dapnos que fezerom polla terra per honde foram, antre os quaes lhe foy denunciado Antam Vaasquez, que era hûu cavalleiro que elle muyto amava, que se queixou delle hûu homem bõo, que lhe depenara a barva e lhe **tomara** viho de hûa sua adegua sem lhe pagando delle nenhuûa cousa, do que ao conde estabre muyto desproveu, pollo bem que a Antam Vaasquez queria. (“Estoria de Dom Nuno Alvares Pereyra”, século XV)

Campo D: engloba usos com acepção de preenchimento/ocupação/participação, como em ocupar (“o móvel tomou o cômodo”); instalar-se (“tomou a nova casa”); impregnar (“a tinta tomou o papel, o medo tomou conta dela, a fadiga tomou todos”); estorvar (“a barreira tomou a estrada”); sobrepor/cair/apresentar (“a chuva tomou o lugar, a tarde tomou bom aspecto”); integrar (“tomar parte”); ocupar (“tomar conta do momento”).

- (15) Saibamos alguma coisa da vida do frade, da sua vida no século, porque a do claustro era nua e nula, monótona e singela como a temos visto. Chamava-se ele no século Dinis de Ataíde, e seguira a carreira das armas primeiro, depois a das letras. Com distinção, e quase com paixão, **tomara** parte na campanha da Península e a fizera quase toda... (“Garret: viagens”, Almeida Garrett, século XIX)

FLP 28(1)

Campo E: envolve acepções referentes à direção, ao encaminhamento ou à proporção, como em: seguir (“tomou à direita”); ganhar (“o caso tomou o mundo”) ou medir (“tomou as dimensões do lugar”); voltar (“tomara a rir”).

- (16) [...] mas, antes de se concluirem os festejos, lhe chegou um patacho de Cabo Verde com aviso de Joao Pereira Corte Real, que governava aquela ilha, de que a armada de Holanda, depois de se deter naqueles mares quase dois meses, **tomara** o rumo do Brasil. (“História da América portuguesa”, Rocha Pita, século XVIII)

Campo F: inclui casos de exposição ou aparência (“tomar sol”, “tomar fogo”, “tomar um atributo”).

- (17) ... e sucedeu que tendo estes pera disparar ua bombardarda grossa, foi Deus servido dar-lhe tal torvação, que lhe nao tomou fogo; e sem dúvida fora grande dano pera os nossos, se o **tomara**. (“Anais de D. Joao III”, Frei Luís de Sousa, século XVII)

Campo G: refere-se às escolhas, decisões (“tomar para Cristo, tomar como testemunha, tomar a liberdade, uma atitude, voz, ousadia, bons exemplos, conselhos ou uma resolução, tomar o que lhe parece melhor, tomar a peito”), mas também à aceitação (“tomar recompensa, tomar o nome de Deus”), à utilização de algo por escolha (“tomar um táxi ou uma carruagem”) e inclui a expressão “tomar mal”, que equivale a “ser errado”.

- (18) Se o príncipe, que Deus guarde, **tomara** o conselho de algum vassalo que muito o ama, estivera o Reino em estado, opulência e poder que o temeram os inimigos, e o respeitaram os amigos; mas cuidamos que Portugal depois da paz se colocou no céu empíreo, e que os meteoros que perturbam o mundo já o não podem inquietar. (“Cartas”, Padre António Vieira, século XVII)

Campo H: foram incluídos aqui os usos com acepção de pedido (“tomar licença”), ordem (“tomar oração”) e exigência (“tomar satisfação”).

- (19) [...] chegando a Surrate, achara ser já partido; e não ousando tornar a Melique-Iaz com tal recado, **tomara** licença de vir té onde achasse Diogo Fernandes, e que lhe não pesava deste desastre, por ser azo de ir ver Sua Senhoria. (“Décadas da Asia” (Década Segunda, Livros I-X), João de Barros, século XVI)

Campo I: é o campo de uso de “tomar” com acepção que se relaciona a sentimento (“tomar ódio pela mulher, tomar o coração, tomar desgosto, tomar conta a afronta, tomar gosto a um tipo de vida, tomar as dores, tomar/receber uma bronca”); à surpresa (“tomar um susto”); à crença (“tomar tudo, tomar por engano”), além da expressão “tomar a bem”, que equivale a apoderar-se de algo.

FLP 28(1)

- (20) Mas quem nao viu sucesso ditoso em sua vida, como verá desejo fiel, que é ainda mais impossível? Porque não atinarei eu a dizer a V. M. o que me avisam, remeto esse papel de um meu parente, que, tendo o meu nome, tem tudo o mais muito melhor. Se eu nao vira tantos aleives coroados (quero dizer: premiados), alvío **tomara**, conhecendo a vaidade dêste. (“Cartas familiares”, Francisco Manuel de Melo, século XVII)

Campo J: uso pautado em cognição ou apropriação cognitiva, como refletir (“tomou a sério”); interpretar (“tomar por engano”); estudar (“tomar lição”); apreender (“tomar conhecimento”).

- (21) Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já **tomara** algumas lições. (“Pai contra Mãe”, Machado de Assis, século XIX)

Campo K: engloba sentidos associados à realização, feita, promoção, como em: fazer (“tomar o trabalho, as providências”); anotar (“tomar nota”); encarregar-se de algo (“tomar conta de algo ou alguém”); vingar-se (“tomar vingança”), além dos casos de

retomada como em: tomar a recobrar.

- (22) O vapor, por motivos de moléstia do comandante que fora à última hora substituí-lo, só sairia ao pôr do sol. Gabriel andava atarefado; não sabia para onde voltar-se! Tinha ainda tanto que fazer! Mas Ambrosina o tranqüilizava: Que não se incomodasse ele absolutamente com as malas; ela se encarregaria de tudo. Gabriel que fosse tratar de saber se Jorge **tomara** as providências necessárias para prender Melo Rosa. (“A condessa Vésper”, Aluísio Azevedo, século XIX)

Campo L: incluem-se os sentidos de transformar-se (“tomar carne”) e incorporar algo (“tomar a natureza humana, o disfarce”), ou seja, ser algo com alteração de uma coisa pela outra.

- (23) [...] - Sejamos francos, minha senhora; pela última vez, sejamos francos; demos cartas para jogarmos a última partida. A voz de Salustiano tinha mudado de tom, como seu rosto **tomara** uma expressão fisionômica toda nova, era o senhor que se erguia diante da escrava. (“Os Dois Amores”, Joaquim Manuel de Macedo, século XIX)

Campo M: finalmente, observa-se o campo relativo à pretensão, ao desejo, à aspiração algo (“tomara ser algo”).

- (24) ESTUDANTE Ah, senhora Dona Fusca, a moléstia das suas filhas é outra. Pedem muito para hóspedes. BISCAINHA Agora falo eu. Por ser pequena ninguém faz caso de mim. **Tomara** ser maiorzinha, que em fazendo figura hei-de ter muitos arrojados. (“6 Entremezes de Cordel”, José Daniel Rodrigues da Costa, século XIX)

FLP 28(1)

O parâmetro associado ao valor versa sobre o uso da forma ‘tomara’ não apenas com valor modal desiderativo (como em (25)) *versus* seu valor temporal (como em (26)), mas considera como modais os usos conjuntivo (em codificação a uma condição, como em (27)) e condicional (em codificação a uma hipótese, como em (28)), usos observados em períodos anteriores ao uso com valor desiderativo, embora em poucos dados. Pode-se acrescer o fato de que há muitíssimos usos de valor temporal anteriores aos usos desiderativos, se comparados aos usos conjuntivo e condicional, o que pode ser conferido na Tabela 3, na seção destinada à análise. Preferimos os termos conjuntivo e condicional por razões históricas, para que se possa captar com mais propriedade um percurso de valor temporal a modal (conjuntivo, associado ao imperfeito do subjuntivo, ou condicional, associado ao futuro do pretérito). Não pretendemos nos alongar nessa diferenciação, mas, para esclarecimento, aludimos a Cortesão (1907), que assim se refere ao conjuntivo⁵: “Chama-se assim este modo, e também subjuntivo, porque a afirmação

⁵É importante atentar ao fato de que o autor observa que, em orações independentes, o conjuntivo (subjuntivo) tem o nome ‘optativo’ e serve para exprimir um desejo ou permissão. Os exemplos dados pelo autor contêm formas no presente do subjuntivo para esse caso (“Deus me ajude”, por exemplo).

de suas linguagens é quasi sempre indirecta e hipotética, formando por isso orações dependentes doutras a que estão ligadas por alguma conjunção subordinativa clara ou oculta” (p. 95). Em relação ao condicional, o autor mostra que nem sempre exprime condição, “mas sim um futuro possível e contingente” (p. 94). A propósito do termo condicional, Barbosa (1822, p. 215) observa que “este arrançamento da linguagem condicional em ria no modo indicativo diminue em grande parte os embaraços, em que se vêem os Grammaticos, que as collocam no subjunctivo, para distinguirem os casos, em que se ha de usar ou da fórma em sse, ou da em ra, ou da em ria”.

- (25) Pois eu não sei que esses homens eram criados do primo da tal senhora? Parece que vossa senhoria desconfia de mim, e está a querer guardar um segredo que eu **tomara** que ninguém soubesse, para que meu pai e o senhor Simão não tenha alguns trabalhos maiores. (“Amor de Perdição”, Camilo Castelo Branco, século XIX)
- (26) Porque na segunda sayda que os de dentro fizeraõ os cometeraõ os Batas por duas partes com muyto animo, & depois de andar a briga hum pouco trauada; fingindo os Achês fraqueza se lhes vieraõ retirando pera a tranqueyra onde os dias atras o Rey Bata lhe **tomara** as doze peças de artilharia, & seguindoos hum Capitão dos Batas desmandadamente, & sem ordem, por lhe parecer que ja tinha a victoria certa, os meteo por dentro dos vallos, porem os inimigos lhe tornaraõ aly a fazer rosto, & se defendião valerosamente. (“Peregrinação”, Fernão Mendes Pinto, século XVII)
- (27) Necessária me era (disse ele) grande confiança para vencer os que tenho, sem me crescerem outros de novo: porque, se antes de ouvir a Feliciano **tomara** esta emprêsa, tivera um atrevimento menos culpável, mas agora será despejo a minha ousadia. (“Côrte na Aldeia e Noites de Inverno”, Francisco Rodrigues Lobo, século XVII)
- (28) Afronta faço que mais não acho, se mais achara mais **tomara**, dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, uma maior, outra mais pequena. (“Direito por Linhas Tortas”, Joaquim José da França Júnior, século XIX)

FLP 28(1)

Seguindo a análise, consideramos a pessoa discursiva de ‘tomara’ (se PI ou P3, respectivamente ilustradas em (29) e (30)), com o propósito de avaliar estreitamente paradigmático, conforme Lehmann (1995 [1982]), especificamente o que conduziu ao uso de ‘tomara’ no sentido volitivo, atrelado a PI, cuja acepção se equipara à da construção “desejo que”.

- (29) Parece que vossa senhoria desconfia de mim, e está a querer guardar um segredo que eu **tomara** que ninguém soubesse, para que meu pai e o senhor Simão não tenham alguns trabalhos maiores. (“Amor de perdição”, Camilo Castelo Branco, século XIX)
- (30) Ele **tomara** muito a sério o gosto da obscuridade, a modéstia, o retraimento; cortejara demais o esquecimento, e via talvez que este estava a ponto de

envolvê-lo, exceto em alguns raros espíritos, onde sua lembrança duraria mais algum tempo, até eles mesmos serem por sua vez envolvidos. (“Minha Formação”, Joaquim Nabuco, século XIX)

Essa proposição de análise parecia em nada densa, por envolver a busca de evidência contextual de referência ou a P1 ou a P3, o que foi possível verificar na própria oração que continha a forma ‘tomara’ ou em oração anterior. Ocorre que os dados vão delineando caminhos diferentes, o que nos levou a perceber que há outros fatores em voga. Observamos casos em que não se sabe se o sujeito é P1 ou P3 (conforme (31)), pois se trata de um exemplo de dicionário, e, também, casos em estruturas passivas (como ilustrado em (32): “a estátua que se tomara” = que foi tomada). Encontramos, ainda, casos de P3 por referência contextual. Como, ao final, foram poucos esses casos, amalgamamo-los aos casos de construções ativas em P3. Em se tratando de P1, por outro lado, resolvemos atrelar a análise à ordenação, para captarmos pormenores da mudança, dada a perspectiva de associação mais intensamente à estrutura de desejo em P1 (“Eu desejo que...”), verificando se o sujeito em P1 aparecia anteposto (como no exemplo (29) acima) ou posposto (como no exemplo (33) abaixo) ou, ainda, se estava explícito em oração anterior (conforme exemplo (34)).

- (31) Nunquam expugnabit urbem. Nunca **tomara** a cidade. (“Dicionário de Latim-Português 2”, Jerónimo Cardoso, século XVI)
- (32) E que também lhe mostrara a estatua douro do Quiay Frigau que se **tomara** em Degum toda cuberta de pedraria, tão rica, de tanto resplendor, & de tamanho preço, que tinha para sy que em todo o mundo não suia cousa igual a ella. (“Peregrinação”, Fernão Mendes Pinto, século XVII)
- (33) **Tomara** eu que os senhores Franceses me dissessem com que direito e com que razao se riem dos excessos e finezas dos Portugueses em matéria de amor, porque, caso negado que esses excessos e essas finezas fossem culpas e vícios repreensíveis, é certo que se descobrem semelhantes acções de franceses que nao desmerecem, como esta, de serem contadas na primeira ordem e na primeira hierarquia das famosas constancias ou extravagancias do amor. (“Cartas familiares”, Francisco Xavier de Oliveira, século XVIII)
- (34) ... e eu venho-te dizer que te amo, que **tomara** dar a minha vida por ti, que do fundo das entranhas se ergue este imenso amor que não tem outro igual, a pedir-te misericórdia, a clamar-te em nome de Deus e da natureza, a pedir-te, por quanto há santo no céu e de respeito na terra, que levantes essa maldição, filho, de cima da cabeça de um moribundo. (“Viagens na minha terra”, Almeida Garrett, século XIX)

No quesito referente à natureza do argumento, consideramos o argumento interno, se objeto material (o cavallo), objeto inalienável (u’jgança) ou estado de coisas (“não estivesse V. S. ausente”), como ilustram, respectivamente, as ocorrências (35) a (37) abaixo.

- (35) E, estando em esto, virõ vïr o Cide empos hûu cavalleiro allarve; e, em chegando

a elles, acalçouho cõ a espada e ferio per cima da cabeça que o fendeo ataa os dentes; e o mouro cayou morto ã terra. E entõ Ordonho disse ao Cide como o iffante dom Diego Gonçalvez matara aquelle mouro e lhe **tomara** o cavallo. (“Crónica Geral de Espanha de 1344”, Pedro Afonso, conde de Barcelos, século XIV)

- (36) Et se a lança nõ quebrara, ben teuera que nõ auja de que sse temer del depouys. Sabede que de aquela uez ficou Éytor moy malchagado. Mays eu ben sey que, ante que sse esta batalla parta, lazerará por esto quen nõ ouuo y culpa. Et, sen falla, Éytor **tomara** del moy agiña u`jgança, mays el rrey Ténçer alongousse logo del. Et Éytor chagou moy mal a Dariõ, o almiral, que achou primeyro ante ssy. (“Cronica Troyana”, tradução de Fernán Martiz a mando do conde Pérez de Andrade, 1388, século XIV)
- (37) A circunstância de V. S.^a haver de vir com o duque me livrou da desesperação que signifiquei na passada, e me dá outra esperança que depende do sucesso das Cortes, em que eu **tomara** muito não estivesse V. S. ausente. (“Cartas”, Padre António Vieira, século XVII)

Muitas decisões e adequações também se fizeram necessárias quando da codificação. Em primeiro lugar, optamos por considerar a natureza argumental, mesmo que o referente não estivesse nas imediações de ‘tomara’, por exemplo, quando havia um pronome, consideramos o seu referente, inclusive há casos com anáfora zero. Havendo possibilidade de recuperação, não nos pareceu adequado ignorar a referenciação. Dessa guisa, não é propriamente a forma que interessa, mas o referente, ou seja, seu valor discursivo: material, inalienável ou estado de coisas. Há que atentar ainda para casos muito particulares, por exemplo, quando o argumento é uma pessoa, a classificação pode ser material ou inalienável, pois em muitos dos dados mais antigos (“tomar a mulher”, “tomar um mouro”), a acepção referia-se a “capturar”; por outro lado, há casos como “tomar a mulher” significando tê-la como companheira, nesse caso não se trata de posse material, mas de posse de uma condição social, assim, uma mesma estrutura ganha codificação diferenciada. O mesmo ocorre com ‘tomara’ seguido do vocábulo “cidade”, embora possa parecer estranho *a priori*, mas há casos de usurpação ou apropriação e outros referentes a conhecimento ou sensação de pertencimento. Também no que se refere ao argumento inalienável, incluímos casos com o pronome “aquilo”, cujo referente era contextual (porém genérico). Por fim, há usos de ‘tomara’ sem argumento interno na oração, que valem como interjeição típica, em tom exclamativo, ocupando, portanto, o lugar de uma porção inteira de texto, como em (38) a seguir.

- (38) Neste senão, não há quem a pacifique. Tem criatura que agüente? Dizem que aí a passagem é mais curta do que a de Vila Nova. **Tomara**, oh, Deus. Até arrepiã a gente, que fica seca de sono, só de pensar em tão miserando itinerário. (“Cartilha do Silêncio”, Francisco José Costa Dantas, século XX)

Esses parâmetros foram assim definidos depois da coleta e de uma primeira análise de dados, ou seja, já constituem um refinamento de formulações iniciais desses grupos. Na

FLP 28(1)

seção que segue, aplicamo-los aos dados que também foram refinados, pois o uso foi moldando nossas escolhas.

4 ‘TOMARA (QUE)’ SOB ANÁLISE QUANTITATIVA

Para que a aplicação dos parâmetros delineados na metodologia fosse eficaz⁶, aos 986 dados de ‘tomara’ constantes do ‘Corpus do Português’, distribuídos ao longo dos séculos XIII a XX, foram incorporados mais 16 de ‘tomára’ (do mesmo *corpus*, porém formas que aparecem acentuadas), totalizando 1002. Ocorre que, ao lermos os contextos de uso de cada uma das 1002 formas, verificamos que algumas têm valor temporal de futuro [seriam, atualmente, “tomará”] ou referem-se a “tomar + a” juntos. Retiradas essas ocorrências, operamos com 956 dados para aplicação dos fatores de análise. Por ser a frequência um fator que contribui à modulação gramatical (Bybee, 2007; Fox, 2007), todos os parâmetros foram controlados quantitativamente. Convém, primeiramente, mostrarmos as formas por século, para a devida dimensão dos usos, o que fazemos na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Usos de ‘tomara’ por século

Século	Forma			Totais
	Tomara	‘Tomara’ + verbo infinitivo	‘Tomara’ (que) + verbo finito	
XIII	01/100%	00/00	00/00	1
XIV	55/100%	00/00	00/00	55
XV	69/100%	00/00	00/00	69
XVI	98/94.2%	05/4.8%	01/1.0%	104
XVII	63/65.6%	28/29.2%	05/5.2%	96
XVIII	09/22.5%	19/47.5%	12/30%	40
XIX	284/78.5%	38/10.5%	40/11%	362
XX	169/73.8%	12/5.2%	48/21%	229
Totais	748	102	106	956

Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre as primeiras constatações, percebemos que quanto menor o século, menor a recorrência da construção ‘tomara que’ + V, se considerarmos o número de ocorrências (de 01 no século XVI a 48 no século XX); a construção com ‘tomara’ + infinitivo, por sua vez, mostra oscilação do século XVI ao XX (05 > 28 > 19 > 38 > 12 ocorrências). Ademais, até o século XVI, não foi encontrada nenhuma utilização da construção gramatical (‘tomara’ + V ou ‘tomara (que)’ + V), tendo a construção com verbo finito mais uso do que a com verbo no infinitivo no século XX, respectivamente 48 dados *versus* 12 dados; ambas demonstram certo equilíbrio no século XIX (38 e 40 dados) e, nos séculos anteriores (de XVI a XVIII), a construção com verbo no infinitivo supera a construção com ‘tomara (que)’.

Supúnhamos que a acepção de desejo ocorresse com ‘tomar’ na construção ‘tomara que’ seguida de verbo no subjuntivo ou na construção ‘tomara’ mais verbo no infinitivo, ou seja, que ‘tomar’ fosse mais usado com significação de desejo quando

⁶Em virtude do número exaustivo de exemplos apresentados na Metodologia, os quais ilustram cada fator sob análise, limitamo-nos, nesta seção, à exposição quantitativa e à apresentação de uns poucos exemplos complementares à discussão dos resultados.

ocorresse na construção com objeto oracional. Na Tabela 2 abaixo, essa hipótese pode ser constatada nos resultados (em negrito), em que mapeamos os campos semânticos⁷ por século e por uso de cada uma das formas⁸ sob investigação. A extensão da tabela é necessária para a discussão proposta, do contrário, não poderíamos visualizar o movimento das estruturas e de suas acepções por século.

Tabela 2 – Campos semânticos de ‘tomara (que)’ por século

(continua)

Campo	Século								Totais
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
A (dominação)	T: 01	T: 45	T: 39	T: 54	T: 36	T: 01	T: 11	T: 05	192
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
B (posse)	T: 00	T: 06	T: 15	T: 09	T: 08	T: 02	T: 92	T: 53	185
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
C (ingestão)	T: 00	T: 00	T: 01	T: 00	T: 01	T: 00	T: 17	T: 23	42
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
D (ocupação)	T: 00	T: 00	T: 01	T: 07	T: 02	T: 00	T: 23	T: 06	39
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
E (direção)	T: 00	T: 00	T: 01	T: 01	T: 01	T: 02	T: 29	T: 19	53
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
F (exposição)	T: 00	T: 00	T: 00	T: 03	T: 02	T: 01	T: 02	T: 02	10
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
G (escolha)	T: 00	T: 03	T: 04	T: 09	T: 02	T: 01	T: 50	T: 21	93
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 02	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
H (exigência)	T: 00	T: 00	T: 00	T: 02	T: 02	T: 01	T: 00	T: 00	5
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	

FLP 28(1)

⁷Na Tabela, todos os sentidos constantes de cada campo estão explicitados na metodologia. Escolhemos apenas uma palavra para recordar o exposto anteriormente.

⁸‘T’ equivale a ‘tomara’ sozinho ou seguido de um sintagma nominal; ‘V’ refere-se ao uso de ‘tomara’ + verbo no infinitivo e ‘Q’, ao uso de ‘tomara (que)’ + verbo no subjuntivo.

Tabela 2 – Campos semânticos de ‘tomara (que)’ por século

(conclusão)

Campo	Século								Totais
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
I (sentimento)	T: 00	T: 00	T: 01	T: 07	T: 05	T: 01	T: 15	T: 09	38
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
J (cognição)	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 03	T: 11	14
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
K (realização)	T: 00	T: 01	T: 02	T: 04	T: 00	T: 00	T: 11	T: 11	29
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
L (transformação)	T: 00	T: 00	T: 05	T: 01	T: 00	T: 00	T: 17	T: 03	26
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
M (desejo)	T: 00	T: 00	T: 00	T: 01	T: 04	T: 00	T: 14	T: 07	230
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 03	V: 28	V: 19	V: 38	V: 12	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 05	Q: 12	Q: 40	Q: 47	
Totais	1	55	69	104	96	40	362	229	956

Fonte: Elaborada pela autora.

FLP 28(1)

No século XIII, ‘tomara’ ocorre somente no campo semântico A, cuja acepção central refere-se à posse decorrente de usurpação ou conquista; no século XIV, permanece tal acepção com mais frequência, embora apareçam outras, especialmente posse sem implicar captura ou usurpação de algo; no século XV, há tais usos referentes à posse e, timidamente, percebemos outros, por exemplo, de transformação ou escolha, mas ainda todos referentes apenas ao uso de ‘tomara’. A partir do século XVI, outros campos aparecem codificados por ‘tomara’, porém o que nos chama a atenção é que a construção com ‘tomara’ + verbo começa a ficar mais frequente no campo do ‘desejo’ a partir do século XVII. Nos últimos séculos, observa-se, também, considerável decréscimo de uso de ‘tomara’ com sentido de dominação/usurpação. Ainda, há que se considerar o amplo espectro de sentido que ‘tomara’ passa a codificar. A partir do século XIV, observam-se já quatro acepções, o que vai se ampliando com o passar do tempo.

Outro procedimento analítico envolveu a análise do valor categorial expresso por ‘tomara’, se temporal ou modal; sendo modal, o valor atrelado à forma poderia ser: conjuntivo (uso em lugar do imperfeito do subjuntivo), condicional (uso em lugar do futuro do pretérito) e volitivo (uso em contextos desiderativos), conforme exemplos já ilustrados na descrição deste grupo na seção metodológica. Tendo em vista os resultados apresentados acima sobre a acepção de desejo começar, paulatinamente, a ocorrer a partir do português médio (século XVI), hipotetizamos que isso ocorresse devido a outros

usos já modais (conjuntivos e condicionais) de ‘tomara’ desde o período medieval. Os resultados podem ser conferidos na tabela abaixo.

Tabela 3 – Valor do morfema ‘-ra’ e uso de ‘tomara (que)’ por século

Valor	Século								Totais
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Temporal	T: 00	T: 51	T: 67	T: 88	T: 54	T: 08	T: 268	T: 163	702
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 02	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Modal (volitivo)	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 04	T: 01	T: 13	T: 07	227
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 02	V: 28	V: 18	V: 38	V: 12	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 05	Q: 12	Q: 40	Q: 47	
Modal (conjuntivo)	T: 00	T: 01	T: 01	T: 04	T: 03	T: 00	T: 00	T: 00	9
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Modal (condicional)	T: 01	T: 03	T: 01	T: 06	T: 02	T: 00	T: 03	T: 00	18
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 01	V: 00	V: 01	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Totais	1	55	69	104	96	40	362	229	956

Fonte: Elaborada pela autora.

Estudos sobre a forma simples do mais-que-perfeito, como os de Klein-Andreu (1991) e Coan (2020, 2021), têm mostrado que o significado original do morfema ‘-ra’ tem sido reanalisado de assertivo a não assertivo, ou seja, as pesquisas evidenciam que ao valor temporal, soma-se outro modal. Pode-se acrescentar a isso o fato de haver dados em que ‘tomara’ aparece combinado com um outro verbo no pretérito mais-que-perfeito simples, como em (39) a seguir (“tomara que ... estivera”), testemunhando, nos termos de Epiphânio Dias (1918), a capacidade de uso do pretérito mais-que-perfeito para exclamação de desejo em lugar do imperfeito conjuntivo em orações optativas, condicionais e concessivas.

- (39) Os alicerces e primeiras paredes vão todas fundadas em autoridade divina, e pasmo de ver quão grandes tesouros estão escondidos, no que todos trazem entre mãos e diante dos olhos. Já **tomara que** alguma parte estivera em estado de se apresentar aos de V. S.^a, mas Deus ajudará. (“Cartas”, Padre António Vieira, século XVII)

Observa-se que o valor modal volitivo ocorre, predominantemente, atrelado à construção, diferentemente do valor temporal: há apenas 03 ocorrências de valor temporal atrelado à construção, ao passo que há 202 dados de valor modal volitivo em construções (V = ‘tomara’ + V ou Q = ‘tomara que’ + V).

Aliado ao valor modal adquirido pela construção, ocorre estreitamento no uso da estrutura, similarmente ao que vem ocorrendo com ‘quisera’, ‘dera’ e ‘pudera’ (“Quisera

eu!”, “Quem me dera!” e “Também pudera!”), em PI ou P3. Hipotetizamos que os usos de ‘tomara’ + V ou ‘tomara que’ + V, preferencialmente em PI, contribuem para a conceptualização de uso volitivo em analogia à construção “eu desejo que...”, exercendo o locutor, portanto, mais controle ao que é expresso na oração subordinada, característica apontada por Almeida (2008) como um aspecto das construções que expressam desejo; outra característica é a transitividade, sobre a qual discorreremos mais adiante ao analisar o argumento interno. Vejamos o disposto na Tabela 4.

Tabela 4 – Pessoa discursiva e uso de ‘tomara (que)’ por século.

Pessoa	Século								Totais
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
PI anteposta	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 01	T: 00	10
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 02	V: 02	V: 00	V: 01	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 01	Q: 02	Q: 00	
PI posposta	T: 00	T: 00	T: 00	T: 00	T: 02	T: 00	T: 11	T: 03	68
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 10	V: 02	V: 14	V: 03	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 06	Q: 15	Q: 01	
PI referencial	T: 00	T: 01	T: 00	T: 06	T: 09	T: 00	T: 16	T: 12	164
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 02	V: 14	V: 10	V: 20	V: 07	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 03	Q: 05	Q: 21	Q: 38	
P3	T: 01	T: 54	T: 69	T: 92	T: 52	T: 09	T: 256	T: 154	714
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 03	V: 02	V: 05	V: 04	V: 01	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 00	Q: 00	Q: 02	Q: 09	
Totais	1	55	69	104	96	40	362	229	956

Fonte: Elaborada pela autora.

Os números mostram que as construções estão muito mais atreladas à primeira pessoa como a demandante de algo. Ademais, pode-se observar que PI anteposta fica bem menos saliente que PI posposta, a qual começa a indicar tanto o sujeito posposto a ‘tomara’ como o sujeito do verbo que o segue, como no exemplo (40).

- (40) Todos os que V. S.^a na sua ilustre História canonizou de heróis acabaram, e também não existem já as memórias daquela arte ou desconcerto militar com que defendemos esta praça, e restaurámos tantas de Pernambuco. Não se falta ao exercício, mas não da milícia do Brasil. Oh! Quanto **tomara** eu ver a V. S.^a desta banda! (“Cartas”, Padre António Vieira, século XVII)

Acerca do tipo semântico do argumento, cujos resultados estão na Tabela 5, consideramos extensão metafórica (extensão entre domínios), um dos mecanismos de gramaticalização, de acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), vislumbrando que a significação volitiva tenha decorrido da combinação entre ‘tomar’ e um argumento não material (inalienável ou alusivo a um estado de coisas).

Tabela 5 – Tipo semântico do argumento interno e uso de ‘tomara (que)’ por século

Argumento	Século								Totais
	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
Material	T: 01	T: 46	T: 52	T: 65	T: 41	T: 03	T: 70	T: 52	330
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Inalienável	T: 00	T: 09	T: 15	T: 33	T: 19	T: 06	T: 194	T: 109	385
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 01	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Estado de coisas	T: 00	T: 00	T: 01	T: 00	T: 02	T: 00	T: 08	T: 01	219
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 05	V: 28	V: 19	V: 38	V: 12	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 05	Q: 12	Q: 40	Q: 47	
Sem objeto	T: 00	T: 00	T: 01	T: 00	T: 01	T: 00	T: 12	T: 08	22
	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	V: 00	
	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	Q: 00	
Totais	1	55	69	104	96	40	362	229	956

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando-se o aumento de uso de ‘tomara’ associado a argumento interno inalienável, a partir do século XIV, pode-se aventar que esse também foi um importante passo à gramaticalização, seguindo-se o uso com argumento referente a um estado de coisas, mais típico das construções com ‘tomara (que)’ + verbo. Consideramos que a mudança começa quando ‘tomara’ passa a ocorrer com objetos inalienáveis, o que seria um passo intermediário ao uso de ‘tomara’ sem objeto, gramaticalizando-se, portanto, como interjeição. De fato, a concentração de mais dados construcionais ocorre nos últimos séculos, nos quais ‘tomara’ ocorre mais frequentemente com argumentos não materiais. Dessa guisa, parece-nos que ‘tomara’ ainda não é, em larga escala, somente uma palavra-frase, mas uma construção, pois seleciona argumento. Consideramos, de acordo com Almeida (2008), que o processo de desejo é transitivo, por sua própria experiência psicológica.

O disposto nesta seção de análise visou a demonstrar que gramaticalização, nos termos de Hopper e Traugott (2003), resulta de combinações de formas que, com o tempo, se fixam em determinadas funções. Pode-se considerar, outrossim, a perspectiva de integração, segundo Lehmann (1988), já que ‘tomara’ se integra a ‘que’, a ponto de a estrutura ser vista como uma construção optativa, do que decorre nossa perspectiva de que ‘tomara’ interjetivo advém de uma construção modal gramaticalizada: ‘tomara’ + V > ‘tomara (que)’ + V.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da classificação aparentemente sólida das interjeições nas gramáticas, não há pormenores sobre tal classificação, apenas o apego a seu uso em caráter expressivo.

Nossa análise não teve como foco o resultado, mas o processo, ou seja, foi uma empreitada em busca de pistas que nos auxiliassem a compreender o ponto de chegada de ‘tomara’ como uma interjeição de desejo.

O que antes era predominantemente uma expressão de valor temporal encaminha-se para uma expressão que se vincula a desejo a partir do século XVI. Isso posto, primeiramente ‘tomara’ + V_{infinitivo}, depois ‘tomara (que)’ + V_{finito} apresentam-se como uma unidade de um bloco, permitindo, por sua vez, construções recursivas, mas exigindo argumento interno, o que é indício de preservação dos traços originais de transitividade dos usos de ‘tomar’ em outras acepções. Por conseguinte, nossos dados evidenciam que, se a situação desejada é conceptualizada como algo potencial (valor volitivo), a ser decidido pelo enunciador, o sujeito discursivo de ‘tomara’ ocorre predominantemente em PI (anteposta, posposta ou referencial).

Segundo Traugott e Trousdale (2013), quanto mais esquemática (geral) for a construção, mais alta ela estará na hierarquia e mais abstrata ela será. Isso significa que a construção estará no topo da hierarquia (em um nível mais generalizado). Aferimos esquematicidade ao considerarmos que ‘tomara’ integra as interjeições que fazem parte de outras classes/estruturas, especificamente decorre de uma construção gramaticalizada: ‘tomara (que)’ + verbo, por isso pode ser usada para expressão de desejo (“Tomara!”), já que possui carga semântica advinda de construção prévia.

Eu confesso a V. S.^a que a minha fé se confirma muito com este testemunho... e tomara valer alguma cousa ...⁹ (“Cartas”, Padre António Vieira).

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A autora declara que não foi feito uso de IA na redação do texto.

Recebido em julho de 2025
Publicado em janeiro de 2026

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. L. As construções de desejo em português. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, n. 1, p. 141-156, 2008.

ALMEIDA, N. T. **Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares.....** 9. ed. São Paulo: Saraiva; 2009.

BARBOSA, J. S. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa.** Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BARROS, J. **Gramática da Língua Portuguesa.** 3. ed. Lisboa: s.l., 1957. [1540].

BASSO, R. M.; TEIXEIRA, A. Interjeições como indexicais expressivos: um tratamento em semântica formal. **Veredas**, v. 21, n. 2, p. 78-94, 2017.

⁹Dado proveniente do *corpus* sob análise.

BASSO, R. M.; TEIXEIRA, A. Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 10-34, 2019.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: Chicago University Press, 1994.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CERQUEIRA, P. G.; ALMEIDA, M. L. L. As interjeições plusquam e as construções de desejo com o mais-que-perfeito. **Cadernos do CNLF**, v. XX, n. 3, p. 399-416, 2016.

COAN, M. Funções do pretérito mais-que-perfeito simples em textos literários, históricos e religiosos do galego-português. **Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia**, LXV, p. 231-237, 2020.

COAN, M. Valores modais do morfema -ra na lírica profana galego-portuguesa. **Working Papers em Linguística**, v. 22, n. Especial, p. 137-156, 2021.

CORRIENTE, F. **Diccionario de Arabismos y voces afines en iberorromance**. Madrid: Gredos Editorial, 2003.

COROMINAS, J.; PACUAL, J. A. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos Editorial, 2012.

CORTESÃO, A. A. **Nova Gramática Portuguesa**. Coimbra: F. França Amado Editor, 1907.

CUNHA C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIAS, E. S. **Syntaxe Historica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. São Paulo: FTD, 2014.

FONSECA, P. J. **Rudimentos da grammatica portugueza**. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

FOX, B. A. Principles shaping grammatical practices: an exploration. **Discourse Studies**, v. 9, n. 3, p. 299-318, 2007.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E.

C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KLEIN-ANDREU, F. Losing ground: A discourse-pragmatic solution to the history of *-ra* in Spanish. *In*: Fleischman S, Waugh L. (org.). **Discourse Pragmatics**. London: Routledge, 1991. p. 164-178.

LEHMANN, C. **Thought on grammaticalization**. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982]. v. 1.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LEITE, M. Q. Partes do discurso/Classes de palavras: um estudo das ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 11, p. 199-225. 2016.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico: Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2001.

NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

PACHECO, M. S. J.; LAMEIRA, B. P. **Noções de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. **Gramática: teoria e exercícios**. São Paulo: FTD, 2008.

PEREIRA, E. C. **Grammatica Historica**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

TESNIÈRE, L. Sur la classification des interjections. *In*: SESTÁK, A.; DOUKOUPIL, A. (org.). **Mélanges dédiés à la mémoire de Prokop M. Haskovec par ses amis et ses élèves**. Brno: Impr. Globus, 1936. p. 343-352.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. United Kingdom: Oxford University Press, 2013.

FLP 28(1)